



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | Fluxo contínuo

<http://dx.doi.org/XXXX/rce.nXX.exx> Não preencher**Reflexões sobre a escrita autoral acadêmica:
por uma antropofagia endossimbiótica**Reflections on academic authorial writing: towards an endosymbiotic
anthropophagy*Reflexiones sobre la escritura académica de autor: hacia una
antropofagia endosimbiótica*

Leandro Barreto Dutra

Elizabeth Antonia Leonel de Moraes Martines

RESUMO

O objetivo é repensar a questão autoral nas produções acadêmicas e de nós mesmos e para tal fez-se uso da escrita ensaísta na política da narratividade. Foi produzido um conceito-abrigo temporário que se denominou de: antropofagia endossimbiótica baseando-se no conceito antropofágico social alinhavado à endossimbiose biológica. Espera-se ter acrescentado linhas no tecido teórico produzido junto à comunidade científica como também provocado outras reflexões para novas e pujantes pesquisas.

Palavras-chave: autoria; produção acadêmica; processos formativos.

ABSTRACT

The objective is to rethink the authorial question in academic productions and in ourselves, and for this we made use of essay writing in the politics of narrativity. A temporary shelter-concept was produced which was called: endosymbiotic anthropophagy based on the social anthropophagic concept aligned to the biological endosymbiosis. We hope to have added lines to the theoretical fabric produced by the scientific community, as well as to have provoked other reflections for new and vigorous research.

Keywords: authorship; academic production; formative processes.

RESUMEN

El objetivo es repensar la cuestión autoral en las producciones académicas y en nosotros mismos y para ello nos servimos de la escritura ensayística en la política de la narratividade. Se elaboró un concepto de refugio temporal que se denominó: antropofagia endossimbiótica, basado en el concepto de antropofagia social alineado con la endosimbiosis biológica. Se espera que haya añadido líneas en el tejido teórico producido con la comunidad científica, así

como provocado otras reflexiones para nuevas y potentes investigaciones.

Palabras clave: autoría; producción académica; procesos de formación.

Provocações reflexivas

O incômodo reflexivo precipita-se a partir da questão: “Se uma dissertação ou tese é uma escrita autoral, o que se faz com a escrita coletiva que se constrói no processo?”. Refletir sobre a autoria se fez necessário e pujante. Essa agulha espetou, feriu a pele. O que fazer com esse incômodo? Há de se procurar saídas. Retirar a agulha e costurar curativos paliativos: quiçá um trabalho científico-artesanal. Costurar reflexivamente com o objetivo de repensar a questão autoral nas produções acadêmicas e de nós mesmos.

O que é um autor? “Que importa quem fala?” (FOUCAULT, 2006, p. 264). Não importa quem fala? Para seguir a partir dessa força foucaultiana entre linhas, textos, agulhas, tecidos e eus, mais uma pessoa (coautora) é convidada para impulsionar saídas e remendos e remédios para aliviar, mesmo que provisoriamente, a ferida. Esse texto é o resultado de uma escrita a quatro mãos, como um concerto de piano no qual duas pessoas nos encantam com suas habilidades de forma colaborativa.

Esse processo de abertura ao novo, dobrado sobre si mesmo, perambulando com ideias, divagando e percorrendo caminhos incertos se disparou junto ao que Larrosa (2002, p. 22) chama de experiência, que é “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. E o que nos aconteceu para essa abertura ao novo que agora vem se materializando em texto?

Esse disparo deu-se na dobra entre a apresentação de uma dissertação e uma voz que nas palavras de Larrosa (2003, p. 107) poderia ser compreendida como parte dos “administradores da pureza, os burocratas da compartimentalização universitária” que questionou: “Como fará com as inserções de textos coletivos com outros autores, pois você sabe que a escrita de uma dissertação deve ser autoral”. Essa voz incomodou os sentidos.

Na partilha do ocorrido novas narrativas semelhantes se precipitaram: Qual é a sua tese? Foi a pergunta que uma dessas vozes fizeram a um

doutorando em sua qualificação. Pergunta perturbadora que na inventividade se respondeu com uma provocação: O que é uma tese?

Para ilustrar esta narrativa ensaísta, a figura da costureira se fará presente. Entre tecidos e costuras, fios e agulhas, linhas e máquinas vai produzindo o novo, uma espécie de *patchwork*, em que os autores, seja por ética, estética e/ou política, vão sendo costurados, alinhavados a pespontos.

Refletindo sobre um percurso possível: o ensaio

O percurso metodológico é a construção de um ensaio que, segundo Jorge Larrosa (2004), surge quando nos abrimos em uma nova experiência, bem quando o passado perde a autoridade e volta a ser lido no presente; quando o futuro parece incerto e a projeção torna-se impossível e; quando o próprio presente é provisório, sentindo-nos estranhos, desajustados. É nesse tempo que a construção do ensaio se torna possível.

É difícil pensar um “método” para a produção de um ensaio, pois segundo Deleuze e Guattari (1997, p. 39):

[...] um "método" é o espaço estriado da *cogitatio universalis*, e traça um caminho que deve ser seguido de um ponto a outro. Mas a forma de exterioridade situa o pensamento num espaço liso que ele deve ocupar sem poder medi-lo, e para o qual não há método possível, reprodução concebível, mas somente revezamentos, *intermezzi*, relances.

No entanto, não significa que não se pode pensar sobre essa construção, o ensaio, segundo Larrosa (2004), parte de quatro pressupostos do pensamento: no presente e para o presente; na primeira pessoa; com distanciamento crítico e consciente da sua própria condição de escrita.

Esses pressupostos envolvem também uma política de narratividade, visto que se trata de um gênero híbrido, subjetivo e impuro opondo-se (talvez) às regras de pureza e objetividade da escrita acadêmica e, por isso assumir essa escrita é também correr riscos, pois:

[...] o ensaio confundiria ou atravessaria a distinção entre ciência, conhecimento, objetividade e racionalidade, por um lado; e arte, imaginação, subjetividade e irracionalidade por outro. O que o ensaio faz é colocar as fronteiras em questão. E as fronteiras, como se sabe, são gigantescos mecanismos de exclusão. O pior que pode acontecer a quem tenha pretensões de escrever filosofia é que alguém lhe diga:

"Isso que você escreve não é filosofia". Essa reprovação foi ouvida por Nietzsche, por Foucault, por Benjamin: "isso que você faz está muito bem, mas é qualquer coisa menos filosofia" (LARROSA, 2003, p. 106).

Segundo Adorno (2003, p. 22), a impureza e a liberdade do ensaio são as principais dificuldades para a sua aceitação e, junto a ele, Manoel de Barros (1993, p. 89) poderia dizer que "há que apenas errar bem o seu idioma" para acertar num ensaio.

Por isso Larrosa (2003) afirma que o caminho linear e retilíneo é para aqueles que já sabem previamente aonde vão e define o percurso antes de partir; ao contrário, o ensaísta não sabe aonde vai chegar, sabe apenas que quer partir. Entrega-se à reflexão, ao pensamento e, por vezes, às divagações.

Ao refletir sobre as relações entre o pensamento, a leitura e a escrita de um ensaio parece-nos que esses elementos se impulsionam uns aos outros, ininterruptamente enquanto se faz, ou seja, enquanto escrevemos, a quatro mãos de modo fluido e orgânico, não sabemos exatamente em que conclusão chegaremos, porque ainda se está pensando sobre a questão, estamos no processo de pensar, de escrever e de ler sobre o tema; e de não pensar, de não escrever e de não ler sobre o tema; e de repensar, de reescrever e de reestudar sobre o tema; e de pensar, de escrever e de estudar... um ritornelo, o eterno retorno.

A reflexão ensaísta

O primeiro retalho para iniciar a costura deste *patchwork* está provocando o nome próprio. O retalho é difícil de manejar. É escorregadio, liso demais. Foucault, ao pensar no autor, afirma da:

[...] impossibilidade de tratá-lo como uma descrição definida; mas impossibilidade igualmente é tratá-lo como um nome próprio comum. A relação de apropriação: o autor não é exatamente nem o proprietário nem o responsável por seus textos; não é nem o produtor nem o inventor deles (FOUCAULT, 2006, p. 264).

E mesmo sendo resvaladiço, o que é incômodo para o trabalho, parece ser fundamental. A costureira insistiu em utilizá-lo. Se o autor não é responsável por seus textos, nem produtor deles, uma dissertação é mesmo autoral? E o que é uma tese, afinal? Por mais que as pessoas se empenhem

no exercício das suas produções, elas sempre produzem conjuntamente, pois carregam em si todo um processo sociocultural impregnado de influências formativas. A produção é sempre múltipla e se investigarmos as autorias, sempre encontraremos outros corpos, costurados a outros corpos e outros e outros...

Segundo Foucault (2006, p. 269), “pode-se dizer, inicialmente, que a escrita de hoje se libertou do tema da expressão: ela se basta a si mesma, e, por consequência, não está obrigada à forma da interioridade; ela se identifica com sua própria exterioridade desdobrada” e tendo a escrita ganhado liberdade da interioridade de quem escreve e estando ela livre dessas amarras para alinhar-se com quem lhe parece adequado, pergunta-se: de quem é essa produção? Uma dissertação é mesmo autoral? E o que é uma tese, afinal?

Há uma identificação da escrita com a exterioridade desdobrada e que parece-nos que o que estava fora ao desdobrar-se está dentro, contamina o interior do sujeito e faz dele impuro – no sentido que Adorno nos apresentou acima. A escrita acontece na dobra, entre a interioridade e a exterioridade, ela passeia pelos lugares e pesponta-se com o que lhe toca, alinhava-se.

Nas palavras de Cecília Meireles (1979, p. 10), poderíamos entender o processo da escrita sob outra ótica, mas ainda próxima: “alheias e nossas as palavras voam [...] Oh! alto e baixo em círculos e retas acima de nós, em redor de nós as palavras voam. E às vezes pousam”. Eis o texto e pergunta-se: uma dissertação é mesmo autoral? E o que é uma tese, afinal? Percebemos que as palavras são alheias a nós e ao mesmo tempo são nossas. O que se entende por autoria a partir desse pressuposto?

Pensar a autoria no pensamento liso, não demarcado previamente, é embrenhar-se em um campo de guerra acadêmica. O desaparecimento do autor traz consigo prejuízos incalculáveis ao ego e à supervalorização de um sujeito cartesiano que almeja o cume. Há, obviamente, quem não queira morrer, porém segundo Foucault (2006), a morte do autor é inevitável.

A morte da autoria pode ser pensada alinhavando retalhos de Oswald de Andrade (1928) quando nos escreve sobre a antropofagia. O sujeito antropofágico é muitos! Isso mesmo: é (no singular) muitos (no plural). A gramática torna-se nessa oração uma administradora da pureza, da regra e, por isso não aceita tal absurdo. Há um erro de concordância, mas para os

sentidos coerentes deste pensamento ensaísta por vezes é preciso errar até a gramática.

No movimento antropofágico, Andrade (1928, p. 1) afirma que:

[...] só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz. Tupi, or not tupi, that is the question.

Para este ensaio: autor, ou não autor, eis a questão.

A antropofagia é bem exemplificada quando Andrade (1928, p. 2) diz: “Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o”. A degustação tem o sentido de trazer para si o outro e, quantas referências já foram comidas por nós? E dessas, de quantas outras fontes também beberam? É um processo *ad infinitum*. Se quem escreve fagocita muitos autores: ele não só é muitos, como sua escrita e tudo que faz é povoado!

Campos (2006, p. 235 *apud* BARBOSA; PAULINO, 2021, p. 6) afirma que o processo antropofágico é o da “devoração crítica do legado cultural universal, essa antropofagia não envolve uma submissão (catequese) à cultura, mas uma visão crítica da história, capaz tanto de apropriação como de expropriação, desierarquização e desconstrução”. Eis o processo de digestão que se inicia na boca e durante todo o processo de transformação física e química do alimento trabalhará para reter o que é bom, apropriando-se do que traz energia para viver, do que contribui para a formação basal da constituição do vivo.

Segundo outra autora antropofágica, Rolnik (*apud* HERKENHOFF; PEDROSA, 1998, p. 5):

[...] o banquete antropofágico é feito de universos variados incorporados na íntegra ou somente em seus mais saborosos pedaços, misturados à vontade num mesmo caldeirão, sem qualquer pudor de respeito por hierarquias a priori, sem qualquer adesão mistificadora.

É uma questão de contaminação com o que se encontra pela frente. A autora distingue a alta antropofagia da baixa antropofagia, baseando-se em

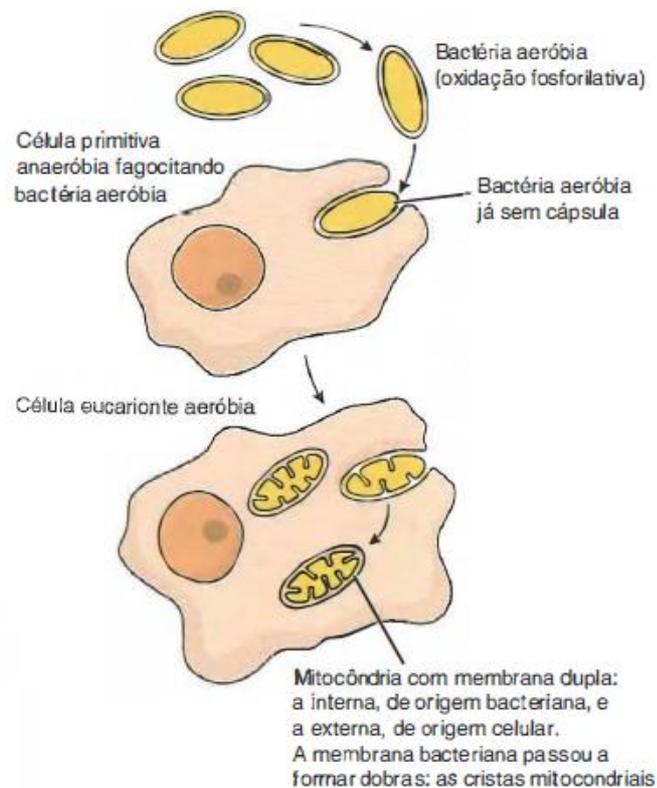
critérios nietzschianos de potência de agir – sendo a alta antropofagia o que comemos para lutar contra a hegemonia e a baixa antropofagia o que nos paralisa, nos deixa inerte diante do acontecido, aquilo que nos adocece.

Nietzsche (2008, p. 27) contribui para o pensar naquilo que se deve ou não comer ao propor que “o primeiro pressuposto para uma boa digestão é que o estômago entre em atividade como totalidade. É preciso conhecer a grandeza do seu estômago. Pela mesma razão, devem desaconselhar-se as refeições aborrecidas [...]”. Importa perceber que primeiro o homem deve conhecer a si mesmo para depois selecionar “os limites do que lhe é permitido” (NIETZSCHE, 2008, p. 27) e, nesse sentido compreender a biologia pode auxiliar na reflexão teórica sobre o processo antropofágico e, quiçá, ponderar compreensões outras. É o que pretendemos fazer na próxima seção.

A antropofagia endossimbiônica

Segundo a teoria proposta por Lynn Margulis, bióloga e professora da Universidade de Massachusett, em 1967 com seu texto publicado no *Journal of Theoretical Biology*, diferentemente do que se acreditava que as células mais complexas teriam surgido pela competição com as células mais simples, a autora propôs que as células mais complexas evoluíram mediante a endossimbiose, relação ecológica colaborativa em que um organismo vive dentro de outro e ambos se beneficiam na relação.

Imagem 1 – Desenho esquemático sobre a teoria da origem bacteriana das mitocôndrias, por endossimbiose



Fonte: Junqueira e Carneiro (2012, p. 13).

Na Imagem 1, vemos uma célula com núcleo (eucarionte) que não produz energia por meio da respiração (um processo oxidativo) realizando a fagocitose (engloba uma partícula sólida) de uma bactéria aeróbica (organismo sem núcleo organizado – procarionte). Essa bactéria produz sua própria energia por um processo conhecido como fosforilação oxidativa (uma etapa da respiração). Segundo a teoria biológica da endossimbiose de procariontes aeróbicos, foi este processo que deu origem às atuais mitocôndrias das células eucariontes no decorrer da evolução. Durante esse processo, bactérias teriam penetrado por fagocitose em células eucariontes primordiais, escapando dos mecanismos intracelulares de destruição de células estranhas (digestão celular) e estabelecido a simbiose endocelular.

As mitocôndrias apresentam duas membranas, postulando-se que a interna seja do procarionte englobado e a externa da célula eucarionte que estava em formação. Processo semelhante também aconteceu com o

cloroplasto das plantas (organismos fotossintetizantes), responsável pelo processo inverso da respiração: a fotossíntese.

Assim, a teoria da endossimbiose explica que as mitocôndrias, evolutivamente, teriam origem em bactérias fagocitadas por certas células e que driblaram o processo de digestão, preservando-se em simbiose com a célula hospedeira primitiva, isto é, ambas se beneficiam dessa associação: a bactéria fagocitada produzia energia para a célula hospedeira e esta, por sua vez, produzia certos nutrientes para o organismo englobado. Isso se deu, porque ao longo da evolução, houve transferência de parte do genoma desses organismos fagocitados (atuais mitocôndrias) para os núcleos celulares da célula hospedeira, de tal modo que sua sobrevivência dependesse da célula que a contém e vice-versa.

Essa teoria é a mais aceita atualmente, justificando as duas membranas encontradas nestas organelas, que também apresentam material genético em seu interior, mas este é circular e livre, como o das bactérias. Ocorreu o processo denominado fagocitose – englobamento de partículas sólidas por uma célula. Entretanto, o processo não foi concluído, posto que a tal bactéria englobada não foi digerida pelas enzimas do fagossoma (vesícula formada no citoplasma da célula eucarionte contendo o material englobado e enzimas digestivas) e passou a viver em harmonia dentro da célula.

Esse evento evolutivo nos deixa uma brecha para pensarmos a questão da autoria. Pois, apesar da mitocôndria ter sido englobada pela célula, ela não entrou no processo digestivo, mas engendrou-se de tal modo a viver/conviver simbioticamente com sua célula hospedeira, coexistindo em certa ordem celular, não direcional, mas num processo de ajustamento. Eis o processo simbiótico.

A antropofagia endossimbiônica seria, então, este processo no qual o autor fagocitado/ingerido não morre, mas coexiste! Dribla o processo digestivo e se modula ao hospedeiro. Talvez esse seria um modo possível de compreender não a morte do autor – como propôs Foucault – mas a coexistência dele, nele e em tantos outros.

Sabemos que as células têm uma membrana com uma capacidade seletiva de extrema eficiência, a qual filtra/seleciona o que pode ou não entrar em seu interior. Nós, de igual modo, temos de saber selecionar o que comer e

digerir o que comemos. Isso é saúde! É preciso selecionar bem o que ingerir. Caso contrário uma doença, um mal-estar pode advir devido ao não cuidado de si. Há de se ter uma organização saudável, que potencializa o viver. Assim também, na escrita acadêmica há que se ter filtros para selecionar o que entra e o que não entra no texto, seja ele um ensaio como este, feito dentro de uma política de escrita narrativa, seja num artigo, dissertação ou tese.

A proposta da autoria como antropofagia endossimbiótica não é sobre um anarquismo autoral e nem sobre matar o autor. Quem sabe Rubem Alves, em *Filosofia da Ciência*, tenha razão quando expressa certa necessidade do homem como de todo ser vivo, à ordem:

[...] Para responder a esta pergunta temos de sair dos domínios da filosofia da ciência e entrar no mundo fascinante do comportamento dos organismos e das pessoas. E aí descobrimos que a exigência de ordem se fundamenta na própria necessidade de sobrevivência. Não existe vida sem ordem nem comportamento inteligente sem ela (2005, p. 28).

Toda vida está fundamentada em certa ordem, desde a sua origem há aproximadamente 4 bilhões de anos até os dias de hoje. O espaço liso e não demarcado proposto por Deleuze e aqui compreendido como um espaço necessário para o aprimoramento do pensamento científico, não significa homogeneidade e muito distante disso estaria o vale-tudo acadêmico. É uma junção de vozes/retalhos que operam juntas criando um corpo, uma unidade – mesmo que a composição produzida dessas costuras seja uma colcha *patchwork* de retalhos da mesma cor. Segundo Deleuze e Guattari (1997, p. 159), “o espaço liso do *patchwork* mostra bastante que ‘liso’ não quer dizer homogêneo: ao contrário, é um espaço amorfo, informal, e que prefigura a *pop’art*” trazendo uma visão crítica.

Na poesia, a questão da autoria parece ainda mais lisa, mais fluida que na produção de textos acadêmicos, visto o caso do uso de tantos heterônimos: Fernando Pessoa é Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e tantos outros... E nós, pesquisadores, somos uno?

Pensar autoria é pensar uma colcha *patchwork* – repleta de agentes e de gentes, e muitas vezes das áreas mais distintas, que costurados produzem um texto.

Qual é a sua tese? Perguntaram para Cavalcanti (2016). Respondeu provocativamente: o que é uma tese? E responde: “uma tese é um texto. Texto vem do latim *textum* que significa tecido. Escrever uma tese é um trabalho de tessitura, de entrelaçamento de linhas que dão forma ao *textum*. Uma tese é um *textum* tecido de linhas que se entrelaçam formando uma narrativa” (CAVALCANTI, 2016, p. 14). As linhas são produtos encontrados e escolhidos pelo artista que produz o tecido: eis a composição! Cabe ao artista/costureira escolher bem as linhas, os retalhos, os tecidos, as cores, as texturas que usará para produzir o novo.

Tomando um retalho de Bourdieu (2000, p. 18), uma tese é “um discurso”: “[...] um discurso em que a gente se expõe, no qual se correm riscos” (destaque do autor). Expõe-se para a comunidade acadêmica, uma comunidade tradicionalmente tida como rigorosa e, às vezes, rígida. “Exposição de ideias, argumentos, dados, resultados”, mas, especialmente, “[...] exposição de quem expõe, pois não há como depurar (nem há razão para isso) de uma tese a digital do seu autor, sua história de vida profissional, suas crenças (especialmente as acadêmicas), suas qualidades e seus limites [...]” (CAVALCANTI, 2016, p. 14).

Tudo vai sendo “assumido na tessitura da tese, ou no mínimo está tacitamente presente nas entrelinhas da tese”, ou “nas notas de rodapé que parecem letrinhas de um contrato que assinamos sem dar-lhes muita atenção” (CAVALCANTI, 2016, p. 14).

Por ser um texto discursivo acadêmico, a tessitura e estrutura de uma tese não nascem de um único momento como uma espécie de inspiração divina que faz fluir as palavras e como num passe de mágica temos um texto pronto e acabado. Antes disso, como na tecelagem, tecer uma tese é uma arte laboriosa, exige tempo, energia, paciência, seleção dos fios que serão entrelaçados e cuidados no trato do seu entrelaçamento. A presente tese não poderia ser diferente, é produto de um processo relativamente longo e trabalhoso que veio sendo tecida mesmo antes da realização do doutorado. Os seus fios foram sendo selecionados a partir da experiência como docente no Instituto Federal e discente no doutorado; na relação com os colegas do ambiente de trabalho e na relação com os professores e doutorandos; nas leituras e discussões; no fazer e refazer do processo de orientação (CAVALCANTI, 2016, p. 14).

Ressalta ainda que, “nesse processo de tessitura de palavras há também silêncios; páginas em branco que demoraram a ser preenchidas, ou mesmo lacunas que certamente permanecem” (CAVALCANTI, 2016, p. 15), seja numa dissertação, numa tese ou em um ensaio como este.

Ainda usando retalhos de Bourdieu (2000), Cavalcanti continua sua argumentação de que a visão de uma tese como uma tessitura depende da visão de ciência que o pesquisador assume: no seu caso, entende que “o objeto é construído, não é dado. E, ao se construir o objeto, não há como subtrair o olhar de quem pesquisa. O pesquisador sempre seleciona; inclusive porque é humano, incompleto e inacabado” e assim, “por não ser onisciente e neutro, não é possível ao pesquisador dizer tudo ou olhar tudo. Uma tese doutoral é o resultado de uma pesquisa, é ‘uma exposição sobre uma pesquisa’ (BOURDIEU, 2000)” (CAVALCANTI, 2016, p. 15).

É uma “exposição escrita, argumentada, fundamentada, defendida em ritual acadêmico”.

Uma exposição sobre uma pesquisa é, com efeito, o contrário de um show, de uma exibição na qual se procura ser visto e mostrar o que se vale. É um discurso em que a gente se expõe, no qual se correm riscos. [...] Quanto mais a gente se expõe, mais possibilidades existem de tirar proveito da discussão e, estou certo, mais benevolentes serão as críticas ou os conselhos [...] (CAVALCANTI, 2016, p. 15).

E quando a gente se expõe, corre perigo. Mas, um sábio dos sertões mineiros já nos avisou:

Viver é muito perigoso... Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiari. Esses homens! Todos puxavam o mundo para si, para o concertar concertado. Mas cada um só vê e entende as coisas dum seu modo (ROSA, 1984, p. 9).

Não podemos nos esquecer que na formação de professores estamos lidando com gente que vai ajudar a formar outras gentes: cada qual com sua história de vida, vidas que estão inseridas em uma cultura que nos é dada. Embora não seja fixa, as culturas têm tradições que precisam ser respeitadas, embora muitas podem (e devem) ser mudadas.

Considerações finais

Assim, partindo de uma experiência em que um dos autores deste trabalho se viu “implicado/espetado com/na escrita de um artigo” ou qualquer trabalho acadêmico, nos propusemos a “pensar a autoria enquanto formação de si”, tendo como objetivo desse artigo: pensar a autoria em nossas produções acadêmicas como também na produção de nós mesmos.

Recorreu-se a vários autores e à reflexão na busca de concretizar esse objetivo, identificando-se o quanto somos constituídos de pedaços/retalhos de outros com quem vamos nos relacionando ao longo da vida! E o mesmo se dá com nossos trabalhos acadêmicos. Percorremos caminhos e veredas que outros já trilharam, utilizando métodos e procedimentos consagrados nos manuais de metodologia, mas também, criamos instrumentos/técnicas, adaptando as já existentes aos nossos objetivos e objetos de estudo; utilizamos teorias/conceitos/ideias existentes na literatura de uma área, mas, às vezes, também reformulamos/acrescentamos, corroboramos ou refutamos tais ideias/conceitos/teorias; preenchemos lacunas identificadas nessas teorias.

E assim, seguimos, contribuindo para o avanço de uma área do conhecimento: acrescentamos novos fios no tecido conceitual e/ou metodológico, ao juntarmos retalhos da produção acadêmica de uma ou mais áreas, mas não o fazemos solitariamente, nem podemos fazê-lo aleatoriamente. Contamos com muitas outras mãos que vão se somando às nossas nesse fazer/refazer constante. E ao fazê-lo, vamos também nos constituindo, como pessoas, como pesquisadores, como professores.

Certamente, muitos dessa comunidade exigente que é a acadêmica (e com razão, pois o rigor continua tendo o seu valor no fazer científico) vão continuar dando suas espetadas ou alfinetadas nas bancas examinadoras, mas outros, preferem continuar ajudando no compartilhamento de moldes (que podem ser adaptados conforme a necessidade e/ou interesse), na costura dos retalhos, na tessitura dos fios, nos arremates e acabamentos como caseamentos, feitura de barras, bordados de brilhos e paetês.

Este ensaio (como todo ensaio) é fruto de muita reflexão. Mas, na formação de professores é necessário mais que uma reflexão: é fundamental que haja uma entrega. Uma reflexão tem um sujeito que se põe a apreciar

frente a um espelho. Numa entrega em experiência que passa, um si se produz para engendrar-se nas agulhas que nos ferem a carne ou nas mãos hábeis de quem cuida dos ferimentos, colocando unguentos, antibióticos, analgésicos. Não é necessário destituir ninguém de suas produções, mas é inegável o fato de que ninguém é por si só: somos multiplicidade na unicidade de uma mesma Humanidade.

Referências

- ADORNO, Theodor. *Notas de literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.
- ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e a suas regras*. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- ANDRADE, Oswald de. Em Piratininga Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha. *Revista de Antropofagia*, n. 1, v. 1, 1928.
- BARBOSA, Alessandro Tomaz; PAULINO, Vicente. O pensamento decolonial antropofágico na Educação em Ciências. *Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação*, v. 39, n. 2, p. 01-25, 2021.
- BARROS, Manoel. *O livro das ignoranças*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- CAMPOS, Haroldo. *Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CAVALCANTI, Alberes de Siqueira. *Permanências na mudança, identidades em questão: significados da docência entre formadores de professores de Educação em Ciências num modelo educacional em construção*. 2016. 185 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática/REAMEC, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2016.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: 34, 1997.
- FOUCAULT, Michel. O que é um Autor? In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos: estética – literatura e pintura, música e cinema* (v. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- JUNQUEIRA, Luiz Carlos Uchoa; CARNEIRO, José. *Biologia celular e molecular*. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, 2002.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. *Educação e Realidade*, n. 28, v. 2, p. 101-115, 2003.

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. *Educação e Realidade*, n. 29, v. 1, p. 27-43, 2004.

MEIRELES, Cecília. *Poesias Completas*: v. VIII. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*: como se chega a ser o que se é. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

ROLNIK, Suely. Subjetividade antropofágica / Anthropophagic Subjectivity. In: HERKENHOFF, Paulo; PEDROSA, Adriano (edit.). *Arte contemporânea brasileira: um e/entre outro/s*, XXIV Bienal Internacional de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1998. p. 128-147.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Recebido em: 17/11/2022

Aceito em: 21/04/2023

Leandro Barreto Dutra

Doutor em Educação em Ensino de Ciências e Matemática (UFMT), professor adjunto da Universidade do Estado do Amazonas, tem interesse nas áreas de Educação e Ensino de Ciências e Biologia, Linguagens e Formação de professores.

 ldutra@uea.edu.br

 <http://lattes.cnpq.br/8126681231349484>

 <https://orcid.org/0000-0001-9034-9190>

Elizabeth Antonia Leonel de Moraes Martines

Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (USP), professora aposentada da Universidade Federal de Rondônia, tem interesse nas áreas de Ensino de Ciências Naturais, Formação de professores e pesquisa-ação colaborativa.

 bethmartines@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/6924130950919558>

 <https://orcid.org/0000-0001-9739-930X>